



ARQUITETURA, URBANISMO E CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO SOBRE TRANSFORMAÇÕES URBANAS

Marcelo Arioli Heck

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos | marceloah@unisinos.br

Lucas dos Santos Freitas

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos | lucasdossantos.freitas@gmail.com

Sessão Temática 1: Produção do espaço urbano e regional

Resumo: O artigo discute a evolução da arquitetura e do urbanismo desde o período modernista até o cenário contemporâneo, destacando o impacto da globalização nas práticas arquitetônicas e urbanísticas. Inicialmente, explora-se como o modernismo, liderado por figuras iconográficas, como Le Corbusier, buscou estabelecer um estilo arquitetônico universal, promovendo o início de um período marcado por verticalização e pelo uso de novas tecnologias. Aborda a transição para o pós-modernismo, quando questões como a preservação do patrimônio cultural e a integração das paisagens locais ganham relevância. No contexto contemporâneo, o artigo analisa a influência da globalização na arquitetura e no urbanismo, destacando a emergência de obras icônicas que priorizam a assinatura do arquiteto sobre o contexto local. Casos emblemáticos em cidades como Barcelona e Porto Alegre são apresentados como casos de análises problematizando a maneira como intervenções urbanas podem tanto valorizar a identidade local quanto promover a gentrificação e a mercantilização do espaço urbano. A análise revela um dilema entre a valorização da memória coletiva e as pressões econômicas por uma paisagem globalizada em um contexto contemporâneo, apontando para evidências de uma crise que interfere na imagem da cidade a partir das transformações urbanas contemporâneas.

Palavras-chave: arquitetura contemporânea; urbanismo; globalização; patrimônio cultural; transformações urbanas.

ARCHITECTURE AND URBANISM IN THE CONTEMPORARY FRAMEWORK: A COMPARATIVE STUDY

Abstract: *The article discusses the evolution of architecture and urbanism from the modernist period to the contemporary scenario, highlighting the impact of globalization on architectural and urban planning practices. Initially, it explores how modernism, led by iconographic figures such as Le Corbusier, sought to establish a universal architectural style, promoting the beginning of a period marked by verticalization and the use of new technologies. It addresses the transition to postmodernism, when issues such as the preservation of cultural heritage and the integration of local landscapes gain relevance. In the contemporary context, the article analyzes the influence of globalization on architecture and urbanism, highlighting the emergence of iconic works that prioritize the architect's signature over the local context. Emblematic cases in cities such as Barcelona and Porto Alegre are presented as cases of analysis problematizing the way in which urban interventions can both enhance local identity and promote gentrification and the commodification of urban space. The analysis reveals a dilemma between the valorization of collective memory and the economic pressures for a globalized landscape in a contemporary context, pointing to evidence of a crisis that interferes with the city's image due to contemporary urban transformations.*

Keywords: *contemporary architecture; urbanism; globalization; cultural heritage; urban transformations.*

LA ARQUITECTURA Y EL URBANISMO EN EL MARCO CONTEMPORÁNEO: UN ESTUDIO COMPARATIVO

Resumen: *El artículo analiza la evolución de la arquitectura y el urbanismo desde el período modernista hasta el escenario contemporáneo, destacando el impacto de la globalización en las prácticas arquitectónicas y de planificación urbana. Inicialmente, se explora cómo el modernismo, liderado por figuras iconográficas como Le Corbusier, buscó establecer un estilo arquitectónico universal, impulsando el inicio de una época marcada por la verticalización y el uso de las nuevas tecnologías. Aborda la transición al posmodernismo, cuando cuestiones como la preservación del patrimonio cultural y la integración de los paisajes locales cobran relevancia. En el contexto contemporáneo, el artículo analiza la influencia de la globalización en la arquitectura y el urbanismo, destacando el surgimiento de obras icónicas que priorizan la firma del arquitecto sobre el contexto local. Casos emblemáticos en ciudades como Barcelona y Porto Alegre se presentan como casos de análisis que problematizan la forma en que las intervenciones urbanas pueden mejorar la identidad local y promover la gentrificación y la mercantilización del espacio urbano. El análisis revela un dilema entre la valorización de la memoria colectiva y las presiones económicas por un paisaje globalizado en un contexto contemporáneo, señalando evidencia de una crisis que interfiere con la imagen de la ciudad debido a las transformaciones urbanas contemporáneas.*

Palabras clave: *arquitectura contemporánea; urbanismo; globalización; patrimonio cultural; transformaciones urbanas.*

1. INTRODUÇÃO: DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Considerando que toda era possui seus próprios temas, símbolos e metáforas, tem-se que o século XX caracteriza-se por um período de transformações cada vez mais aceleradas, em especial em virtude do processo de industrialização mundial iniciado no século XIX. A centralidade das cidades passa a assumir supremacia em relação à área rural, tanto espacialmente quanto pelo viés econômico. Essas mudanças culturais naturalmente interferem diretamente no cenário da arquitetura e urbanismo, tanto por alterações tipomorfológicas quanto por novas formas de configuração e compreensão de paisagens. Com isso, tem-se uma inevitável variação de experiências urbanas, de modo que a proposta de discussão deste artigo é a questão da paisagem e da experiência nas transformações urbanas em um cenário que parte da instauração da modernidade, passa pelo modernismo até chegar ao período apresentado como contemporâneo.

Após a II Guerra Mundial, momento em que o modernismo já havia afirmado seus conceitos fundamentais e quando destaca-se o nome de Le Corbusier como grande representante do período na área, a arquitetura moderna simbolizou a transição de um estágio de relações internacionais (as quais ainda eram realizadas especialmente com os Estados Unidos e com a Europa) para um modelo globalizado, com fronteiras e redes de interação dinâmicas. O destaque é para um discurso de estilo universal – a ideia de que um estilo arquitetônico deveria ser aplicável em qualquer local do planeta. Essa qualidade internacional que se percebia como um fator capital da modernidade, de modo que a imagem do modernismo passou a ser a relação entre edificações e os grandes avanços tecnológicos explicitados no período pela arquitetura high-tech (IBELINGS, 1998). Se ser moderno remete a uma imagem de internacionalização, ser modernista é ser globalizado.

Essa busca modernista por um modelo internacional influencia um período de declínio do planejamento territorial, como se apresenta tanto na defesa do estilo universal, instaurada por Le Corbusier (2020 [1923]), quanto pela posterior crítica às consequências deste modelo, como em Jacobs (2009 [1961]). Para Ibelings (1998), a globalização possui entendimentos variáveis que vão desde os que não acreditam na existência de um fenômeno contemporâneo, entendendo essa como uma sequência natural da existência humana, passando pelos que creem que a globalização é fundamental para enfatizar, por contraste, o local e o específico perante o global, até os que entendem a constituição de uma área híbrida associada a uma sociedade global multicultural como um grande avanço a medida que as diferenças entre sujeitos se darão menos discrepantes (como um avanço das ideias modernistas). Com relação ao entorno arquitetônico, uma questão é a homogeneização espacial, uma vez que, mesmo considerando a existência de uma rede multicultural (explicitada nas metrópoles pelas grandes redes globais comerciais, como as de *fast food* e os anúncios de marcas globais), os argumentos mais concretos vão no sentido de uma homogeneização da forma urbana e das experiências a ela atribuídas. Há uma lógica que hoje é bem aceita por todas as correntes: tudo pode acontecer simultaneamente em diversas partes do mundo:

Todo parece poder suceder en todas partes, incluso simultáneamente. Durante largo tiempo, este fenómeno, por el cual nada está vinculado a ningún lugar en concreto ha sido un axioma económico que ahora empieza a manifestar-se en la arquitectura. El mismo edificio, con unos pocos ajustes relativos al emplazamiento, puede erguirse en cualquier parte (IBELINGS, 1998, p. 69).

Diferente do modernismo e da modernidade, por sua compreensão terminológica abrangente e abstrata, faz-se necessário definir a noção do período aqui entendido como contemporâneo. Este período não é definido aqui a partir de uma data, mas emerge de um cenário moderno de globalização capitalista relacionando-se a um modelo de produção neoliberal do espaço (HARVEY; SMITH, 2005). Ou seja, não se trata de um recorte temporal pré-determinado ou de uma temporalidade de análise (como se fossem contemporâneas iminentemente por serem atuais). São contemporâneas por suas características constituintes diretamente relacionadas a uma sociedade de consumo. Outro elemento constituinte do período é a maior permissibilidade de circulação de capital a partir das políticas neoliberais (FIX, 2009). Logo, as transformações urbanas manifestam-se nas cidades tendo como base o capital financeiro global, principal operador de construções de grande impacto nas mais diversas cidades. Por fim, no quadro da arquitetura contemporânea, tem-se uma transformação no modo de produção, como a disseminação de tecnologias, tipologias e de pensamento arquitetônico (ARANTES, 2012). Se no modernismo brasileiro um elemento marcante foi a vinda de Le Corbusier ao Brasil, trazendo consigo suas ideias de modernidade implicadas na arquitetura e, assim, intervindo diretamente no pensamento profissional do período, hoje essa comunicação é direta, seja pela facilidade de comunicação, seja por consórcios profissionais internacionais.

Na perspectiva da arquitetura e do urbanismo, em suma, estas transformações contemporâneas operam em três ordens: a) por meio da circulação de capital, através do crescimento de políticas neoliberais e de empresas de capital aberto e do capital financeiro global (FIX, 2009); b) no modo de trabalho, de modo que esse finda por romper barreiras de nacionalidades, facilitando a realização de trabalhos internacionais e, em especial, o modo de produção das cidades (HARVEY, 2015); e c) por mudanças tecnológicas, que propiciam uma circulação de ideias (e projetos) em tempo real, fazendo com que as sujeitos não precisem mais se deslocar (ARANTES, 2012). Atrelado a este último ponto, além da questão da nova relação espaçotemporal que a comunicação pela internet propiciou (possibilitando o envio imediato de informações, projetos e a comunicação em tempo real), há também os avanços de *softwares*, como um exemplo recente dos grandes avanços com a plataforma BIM (*Building Information Model*, que pode ser entendido como Modelagem da Informação da Construção ou Modelo da Informação da Construção).

Para Ibelings (1998), *"la globalización es un fenómeno tan abstracto y efímero que parece cubrir todo el espectro de la realidad; em ese sentido, existen tantos elementos positivos y negativos asociados con ella, que hasta nuestra rutina parece estar influida por la misma"* (p. 9). Em analogia, o próprio termo contemporâneo é tão amplamente utilizado que carece de constituição de sentido. Por uma visão direta, uma das críticas para a utilização desta terminologia é que,

quando analisada com viés reducionista temporal, diz respeito a tudo o que é atual, de modo que o contemporâneo sempre deve acompanhar o seu tempo, não havendo, portanto, um início ou um fim. Por isto soa sem sentido o emprego do termo pós-contemporâneo. Partindo deste viés entende-se que a expressão mais correta pela perspectiva temporal seria o emprego do termo pós-modernidade. Ocorre que, aqui, não se trata de um tempo específico, mas de um fenômeno, um modo de ação, que se manifesta no presente e parte de uma consolidação e amadurecimento do modernismo no mundo globalizado.

Em analogia a este debate no campo das artes, um entendimento da noção de arte contemporânea é aquele que, a partir da arte pós-moderna, utiliza-se de novas técnicas e que pressupõe uma reflexão sobre a própria arte, no sentido de questioná-la e promover experimentações sobre a estética da arte. Para John Rajchman (2011), a arte contemporânea já estaria em um segundo momento, quando os artistas retornam a buscar uma reflexão sobre a realidade em que vivemos ao invés de uma incessante busca da arte experimental, inclusive com o retorno de alguns preceitos modernos – sem, é claro, deixar de lado os avanços tecnológicos e de disseminação de informação.

Uma emergência fundamental para esse processo é a disseminação das redes que partem de uma questão informacional e constituem-se como redes financeiras transacionais que operam em uma com um processo de territorialização e desterritorialização (HAESBAERT, 2007) no ciberespaço, rompendo com as fronteiras tradicionais e configurando a crescente mescla intercultural.

A paisagem enquanto discurso imagético segue constituída por relações identitárias e territoriais, sendo imagéticas por sua forma de entendimento e reconhecimento e discursivas enquanto expressam uma cultura e atribuem significado a um espaço. Por sua configuração identitária não se pode falar em uma paisagem globalizada. O que se expressa são elementos que constituem esta paisagem no cenário contemporâneo. No caso deste projeto, a relação entre os objetos arquitetônicos mais recentes e o quanto estes interferem nas características fundamentais de determinada paisagem. Esta questão se faz mais sensível atualmente tendo em vista a consolidação da globalização na contemporaneidade e a forma com que este período condiciona uma arquitetura com tipologias repetidas em diversas paisagens ao redor do mundo.

As telecomunicações, os meios de comunicação e a crescente mobilidade intrínseco ao crescimento da globalização afetam igualmente ao planejamento urbano e a arquitetura à medida que alteram a percepção sobre o tempo e o espaço. Aí se constitui o paradoxo da modernidade: enquanto a comunicação faz com que os locais sejam cada vez mais familiares e reconhecidos, o mundo se torna cada vez maior, tendo em vista o crescimento de possibilidades a partir de locais até então desconhecidos pelos sujeitos. Assim, embora o território nos quais estes estejam familiarizados seja maior, ocorre uma ausência de significado, uma vez que grande parte destes locais são conhecidos somente a partir de uma

visita fugaz, de modo que não se constituem como lugares, ou seja, um espaço no qual as pessoas sintam alguma afinidade uma vez que passam a constituírem sentidos a partir dele.

1.1 A EXPERIÊNCIA A PARTIR DA ARQUITETURA

A proposta deste item é descortinar as relações tipo-morfológicas arquitetônicas partindo da modernidade, mas com foco nas transformações urbanas contemporâneas. Em suma, analisar a forma com que o pensamento arquitetônico vem buscando sua inserção urbana para, então, identificar o modo que propõe a aproximação e a experiência interior e exterior com a cidade e com os sujeitos.

Com relação ao modernismo, segundo Porphyrios (2006 [1966]), a consequência do projeto moderno e seu viés de estilo internacional, proposto por Le Corbusier e difundido pelos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), trata-se da busca de uma abstração quase matemática da cidade, de modo a possibilitar a extinção de todo significado simbólico do discurso arquitetônico. Essa crítica relaciona-se à apresentada por Venturi (2006 [1966]), o qual destaca que este viés reducionista é explicitado no paradoxo apresentado de que menos é mais, o que explicita que não é possível com a arquitetura resolver todos os problemas, apontando, portanto, para uma seletividade de quais problemas serão ou não enfrentados. Com isso, fica designado ao arquiteto e urbanista a função de escolher quais seriam os elementos significativos para o projeto, de modo que “ele pode excluir problemas importantes sob o risco de isolar a arquitetura da experiência de vida e das necessidades da sociedade” (VENTURI, 2006 [1966], p. 93)

Para Porphyrios (2006 [1966]), os edifícios-objetos foram os responsáveis pela expansão territorial das metrópoles, reduzindo as hierarquias dos elementos que atribuem significado, relacionando-se com a noção de legibilidade apresentada por Lynch (1999 [1960]), de modo que se perdem os elementos de referência para uma compreensão de identidade por parte dos sujeitos. Essa perda de entendimento do todo dá-se uma vez que a lógica radicalmente racionalista do modernismo era a tábula rasa, o apagamento de rastros: zoneamento urbano, a ideia da cidade no parque, o edifício isolado, o desaparecimento da rua e da praça, a destruição do quarteirão. Em suma, a destruição do tecido urbano.

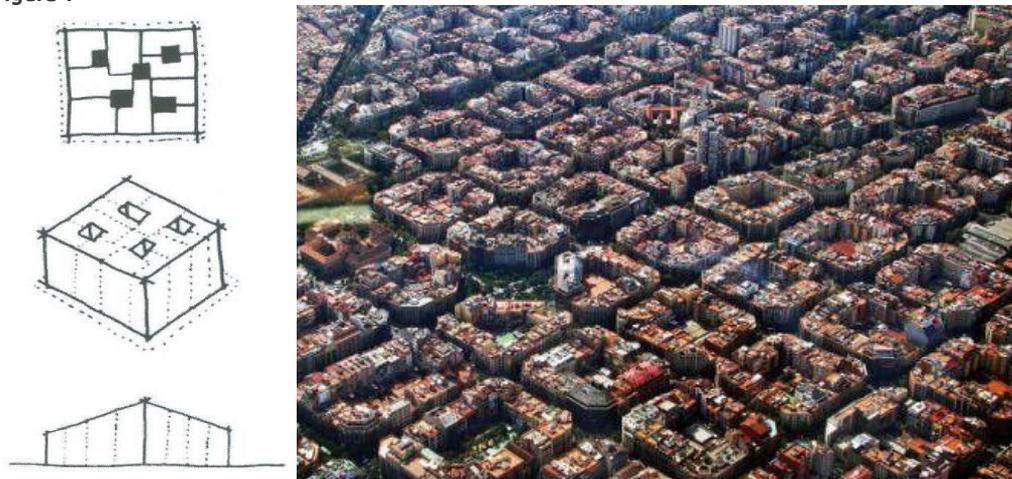
Mais do que relações com o entorno ou com determinada população, o ideal reducionista do modernismo estava calcado em uma ideologia, de modo que o edifício não era entendido somente por sua beleza, mas sim, projetado como prefigurações de uma cidade radiosa universal do futuro, como uma “cultura conciliatória universal, que visava todas as crenças de todos os países e de todas as épocas, que tudo aceitava sem se fixar em parte alguma, pois a verdade estava em todos os lugares e em lugar nenhum em sua inteireza (PORPHYRIOS; 2006 [1966]; p.111). O centro da crítica do autor não é para o projeto arquitetônico em si, uma vez que os aspectos estéticos e os avanços tecnológicos são considerados, mas especialmente a relação tipo-morfológica com a cidade constituída e sua contribuição para um crescimento urbano desordenado.

Parte desta inovação tipo-morfológica se origina nas premissas modernas de rechaçar o mimetismo em busca de um entendimento de que as edificações de destacavam naturalmente de seu entorno por meio de formas geométricas elementares, novos materiais e técnicas construtivas. Com isso, o resultado seria uma arquitetura destacada de seu entorno, podendo considerar ou não as relações morfológicas com edificações adjacentes e, por fim, alcançando o contraste desejado. A questão é que, em função do crescimento das cidades associado a este modelo universal, a arquitetura passou a ter estes aspectos como convencionais, fazendo o mesmo tipo de intervenção em tecidos consolidados ou em locais com pouca urbanização, interferindo diretamente do planejamento e na expansão urbana. Isto era baseado na ideia de que a arquitetura moderna representava, por definição, um novo começo e um rechaço ao passado:

La idea de que el emplazamiento puede ser visto como una extensión inmaculada y vacía resultaría reprensible para los posmodernos, pero desde el punto de vista de sus predecesores, se trataba de una actitud eminentemente sensible, ya que la armonía con el entorno era siempre menos importante que el hecho de que su trabajo envejeciera con dignidad. (IBELINGS, 1998 p. 51).

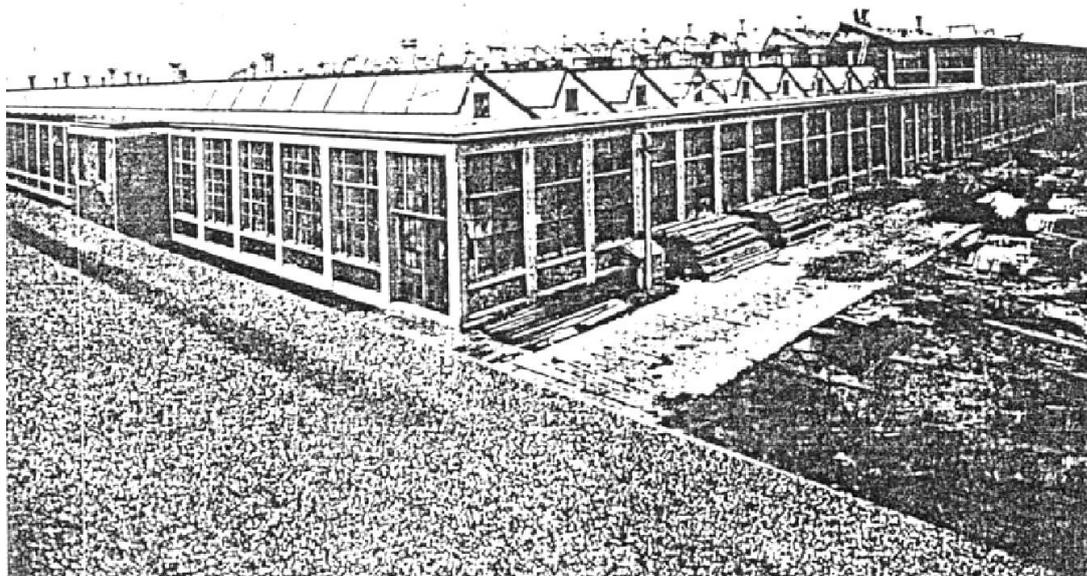
Essa problemática torna-se mais saliente nos casos de alterações morfológicas de quadras ou em inserções contemporâneas em quadras tradicionais com tipologias sem relação com o entorno. Nos casos analisados na sequência deste projeto, os quais constituem-se de grandes empreendimentos urbanos, verifica-se a necessidade de grandes lotes para a implantação territorial, em geral, disponíveis em grandes vazios urbanos centrais, constituídos como áreas especiais, ou periféricos, em geral associados a antigas áreas industriais. Com relação às áreas industriais, a arquitetura moderna teve papel fundamental com relação aos avanços dessa tipologia, proporcionando uma organização interna e técnicas construtivas apropriadas para uma boa ocupação e bom funcionamento. Com relação ao contexto urbano, a inserção arquitetônica era na forma da ocupação da quadra, aos moldes da ocupação das cidades tradicionais, como é explicitado nos diagramas de Del Rio (1990).

Figura 1



Notas: Barcelona como modelo de quadra da cidade tradicional.
Fonte: Del Rio (1990).

Figura 2



Nota: Fábrica George Pierce, Albert Kahn (1906).
Fonte: CANAL, 1992, p. 340.

Percebe-se que, mesmo com funções urbanas distintas, mantem-se uma forma de ocupação de quarteirão como premissa da cidade tradicional moderna. A interface com a rua é direta, sem recuo frontal, relacionando a edificação diretamente ao ambiente urbano, mas trazendo prejuízos com relação a habitabilidade em alguns casos. Como apontado por Porphyrrios (2006 [1966]), uma das rupturas propostas pelo modernismo é uma nova constituição da quadra, na qual tem-se a relação tipo-morfológica da torre no terreno, muitas vezes ainda elevada em função da utilização de pilotis.

Figura 3



Nota: Brasília como modelo de quadra moderna.
Fonte: Del Rio (1990).

Figura 4



Nota: *Unité d'Habitation* (Le Corbusier) como modelo de quadra moderna (edifício-cidade).
Fonte: Del Rio (1990).

A constituição da quadra moderna parte da distinção entre edificação (agora com a questão da verticalização) e o lote, fato que destaca a compreensão da volumetria da edificação e que distancia o observador da edificação, proporcionando um menor contato entre eles dado o distanciamento. É neste sentido que Porphyrios (2006 [1966]) realiza críticas ao modernismo, não só por conta do zoneamento excessivo, mas especialmente devido à esta questão tipológica da torre no parque como elementos que interferem diretamente na experiência urbana, uma vez que provocam distorções na escala constituída.

Já nas últimas décadas do século XX, o pensamento arquitetônico passa a contemplar a problemática das correntes pós-modernas, embora os projetos arquitetônicos mais recorrentes, todavia sejam os baseados em preceitos modernos. Para Ibelings (1998), a essência desta mentalidade não é apenas a crítica ao movimento moderno, mas fundamentalmente um aporte às questões sociais como a crença no progresso e o racionalismo voltado a uma lógica metodológica-conceitual, em especial na cultura arquitetônica do hemisfério norte e nos países mais ricos do hemisfério sul. Já no final da década de setenta os avanços tecnológicos das demais áreas influenciaram a arquitetura no sentido da corrente high-tech, de modo que os avanços tecnológicos mantinham a ideia da arquitetura moderna como atual. Com relação a arquitetura produzida nesse momento, Ibelings (1998) destaca que "*la sensación inmediata de forma, espacio y luz, de transparencia y liviandad, es más importante que la comunicación de un mensaje*" (p. 43).

A crítica colocada à arquitetura moderna para Ibelings (1998) é centrada na incapacidade dos arquitetos do movimento moderno em falar esta linguagem não verbal e procurar significados relacionados com o sentido da edificação em si mesma. Para o autor, na época do "*cualquier cosa sirve*" (p.18), a ideia central do período modernista da arquitetura foi a de que a edificação deveria conter referencias, ou seja, se referir a algo, sendo essa normalmente relacionada a própria arquitetura ou ao contexto e a função da edificação. No entanto, com o passar do tempo, a arquitetura incorporou essas referências apenas por constar, perdendo a questão metodológica inicial com o passar dos anos, chegando ao período mais recente com perda de

significação. O discurso sobre a relação com o contexto se tornou habitual e muito mais justificativo do que realmente explicitado na costura realizada - uma legitimação (IBELINGS, 1998).

Mais do que alterações, o que se coloca aqui é a problemática da contemporaneidade, que possui características temporais e procedimentais inerentes ao fenômeno de globalização. No quadro da arquitetura, este se manifesta inicialmente pela dinâmica dos grandes escritórios de arquitetura e de uma linguagem universal e iconográfica. Uma das cidades destacadas é Berlim, que se encontra em momento de reconstrução em decorrência da destruição promovida ao longo da segunda guerra mundial, realizada especialmente por meio da Internationale Bauausstellung (IBA).

Figura 5



Nota: IBA (Berlim) como modelo de quadra pós-Moderna.
Fonte: Del Rio (1990).

Tendo em vista o cenário de reconstrução, pela perspectiva tipo-morfológica um modelo destacado por Del Rio (1990) para o período foi o da quadra pós-moderna, que dialogava com o modelo de cidade tradicional na sua forma de implantação periférica, porém trazia avanços tecnológicos e formais, como os sistemas construtivos e os modelos de pátios internos, abrindo possibilidades para os pátios internos.

Essa reconstrução de Berlim parte de um amplo concurso de ideias na cidade, aceitando propostas com distintos temas, como questões culturais, ecológicas, econômicas, arquitetônicas, urbanísticas e ambientais.

Tendo em vista o cenário de destruição, com os projetos iniciados em 1989, a partir de 1994 houve a busca por princípios norteadores de planejamento, como a promoção de reformas estruturais considerando as pré-existências, ou seja, melhorias das condições de habitabilidade por meio de incrementos tecnológicos e de inovação. De um modo geral, os projetos foram sendo realizado de modo isolado, sem um plano global. Ao contrário: foi estruturada a possibilidade de os planos serem realizados após os projetos, de modo que os primeiros deveriam considerar as edificações já em ação, resultando em “uma espécie de improvisação metodológica bastante inusual, calcada em bases semi-intuitivas e que trabalha com a percepção de fenômenos em ação no ambiente.” (CASTELLO, 2003, n. p.).

Mesmo partindo de um modelo nacional, foram contempladas diversas obras assinadas por arquitetos e escritórios internacionais, como a Bonjour tristesse apartment (Alvaro Siza), a Haus am Checkpoint Charlie (Peter Eisenman) e a Haus am Checkpoint Charlie (Rem Koolhaas).

Figura 6



Nota: Bonjour tristesse apartment (Alvaro Siza), Haus am Checkpoint Charlie (Peter Eisenman), Haus am Checkpoint Charlie (Rem Koolhaas).
Fonte: Del Rio (1990).

Essa internacionalização da arquitetura evidencia uma das características fundamentais da arquitetura pós-moderna: o traço pessoal de identificação do autor mais forte do que o local para o qual a edificação está construída, ou seja, a obra assinada. O destaque aqui, como se verifica nas imagens de modelo de quadra e de tipologia, é para relação das edificações com o entorno, ou seja, no período pós-moderno tem-se que: "*la sensibilidad hacia el contexto y la asimilación de elementos del entorno configuran el derecho de un edificio a existir.*" (IBELINGS, 1998, p. 18). Essa relação com o entorno no período passou a ser entendida por meio do conceito de *genius locci*, no qual cabe a quem está realizando a intervenção identificar o caráter associado àquele local, de acordo com suas relações históricas e geográficas. Pela perspectiva da experiencia, essa relação parece estar bastante associada com as características locais, sendo uma valorização dos aspectos iminentemente fundamentais para a constituição do lugar. A questão é que toda a intervenção é autoral e terá sua própria leitura do local, do contexto e da paisagem.

Figura 7



Nota: Exemplo do Sony Center (Berlim) como modelo de quadra aberta.
Fonte: Del Rio (1990).

Uma das características da ocupação de quadra aberta é uma parcial semelhança com a pós-moderna, seja pela possível permeabilidade interna ou pela preservação da marcação de seus limites externos. Outra similaridade é a possibilidade de composição a partir de um conjunto de edificações que podem ou não ser propostas pelo mesmo arquiteto ou escritório, sendo

entendidas tanto de modo individual como em conjunto. As relações urbanas, mais do que estabelecidas por um regime urbanístico controlado por indicadores como altura, ocupação, coeficiente de aproveitamento e recuos, passam a considerar o conjunto volumétrico, propondo um modelo de ocupação geral para a quadra e dando a liberdade compositiva para a ocupação dentro dos limites indicados.

Embora os avanços construtivos e de inovação associados ao período, destaca-se que, na maioria dos casos, a arquitetura não era valorizada somente por sua tecnologia, mas especialmente por um mérito que somente ela possuía: a dimensão simbólica. O maior diferencial aqui é a tipologia arquitetônica, na qual as edificações buscam uma maior neutralidade exterior e vários avanços tecnológicos, fato que, durante o período pós-moderno foi bastante criticado devida a uma suposta falta de significação, em especial nos casos de arquitetura minimalista. Isso é posto de modo geral, sem incluir, por exemplo uma latente possibilidade de expressão deste estilo em determinados casos, como o exemplo emblemático das obras de Mies Van der Rohe, em geral composta por planos e volumes simples resultando em uma arquitetura bastante expressiva, quando se destaca "*su capacidad, mediante la abstracción total, para evocar un silencio ensordecedor.*" (IBELINGS, 1998, p. 51). Ao contrário da instauração do modernismo, a busca pela simplicidade formal não é especificamente uma reação ao excesso visual, embora seja muito bem aplicado nesses contextos.

A questão que se coloca pela perspectiva da experiência é quando essa neutralidade se manifesta como abstração da expressão arquitetônica ativa, de modo que tende a produzir edificações com menos significações, possuindo alguma simbologia (em especial em sua relação interior), mas se manifestando como objeto neutro. Há uma perda na constituição de lugares, de contextualização e de identidade, de modo que muitas vezes se tem um esvaziamento de significado, associada aqui a uma desvalorização da experiência urbana. Este é o momento em que Ibelings (1998) inclui sua definição de supermodernismo, fazendo referência a Augé (1994) em sua definição de não-lugares, condicionando esta padronização arquitetônica ao modo como as pessoas se relacionam com o lugar e com o espaço. Trata-se da constituição do sistema "*light construction*" (IBELINGS; 1998, p. 56) diretamente relacionado à velocidade e transparência da arquitetura contemporânea: tão característico quanto sua aparência efêmera é o fato de que estas estruturas tendem a não ter grandes destaques formais: o volume retangular envidraçado como tipologia globalizada geral do tecido urbano.

2.1 TRANSFORMAÇÕES URBANAS CONTEMPORÂNEAS NO MUNDO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO E A DEFINIÇÃO DO CASO INTERNACIONAL

Relacionando as transformações urbanas ao cenário contemporâneo, logo ao sistema neoliberal, entende-se que a indústria imobiliária, mais uma vez, utilizou-se da arquitetura

como marca publicitária, de modo que grandes edificações passaram a ter um duplo destaque pelo viés da globalização: seja como produto internacional, seja pela geração e circulação de capital. Para Borja (2007), trata-se de um cenário de revolução urbana, entendido não somente pela tradução direta da globalização no território, mas pelas transformações que esta ocasiona nele por diversos fatores indiretos, associados à tecnologia, economia e questões políticas, sociais e culturais que também se vinculam à globalização.

Nos anos 80, a relação entre o capital imobiliário e as novas tipologias arquitetônicas passa a ser mais nítida. O destaque aqui é para essa arquitetura contemporânea assinada por nomes ou escritórios já bastante conhecidos. Embora o contexto seja o mesmo daquele apresentado anteriormente, naquele momento destaca-se o cenário de construção de cidades, enquanto aqui o destaque é para o elemento icônico, sua relação no contexto global e as transformações urbanas relacionadas à sua implantação. Jacques (2019), em sua Cronologia do Pensamento Urbanístico, apresenta acontecimentos relevantes pela perspectiva da arquitetura e do urbanismo, dentre os quais tem-se alguns exemplos arquitetônicos que ilustram a démarche das grandes transformações urbanas apresentadas:

- Grande *Arche de La Défense* (França, 1989) - arquiteto Otto von Spreckelsen;
- Pirâmide do Louvre (França, 1989) - arquiteto Leoh Ming Pei;
- MACBA: Museu de Arte Contemporânea (Espanha, 1991) - arquiteto Richard Meier;
- Reconstrução de Chiado (Portugal, 1991) - arquiteto Álvaro Siza;
- Vila Olímpica de Barcelona 1992 (Espanha, 1991-1992) - diversos arquitetos;
- Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (Espanha, 1995) - arquiteto Richard Meier;
- Inauguração da *Cité de la Musique* (França, 1995) - arquiteto Christian de Portzamparc;
- Museu Guggenheim Bilbao (Espanha, 1997) - arquiteto Frank Gehry;
- Expo'98 Lisboa (Portugal, 1998) - com projetos de Peter Chermayeff, Regino Cruz e Santiago Calatrava, dentre outros;
- Museu Hebraico de Berlim (Alemanha, 1999) - arquiteto Daniel Libeskind;
- Torre Glòrie (Espanha, 2005) - arquiteto Jean Nouvel.

Figura 8



Grande Arche de La Défense
Johan Otto von Spreckelsen (1989)

Museu Guggenheim Bilbao
Frank Gehry (1997)

Torre Glòries
Jean Nouvel (2005)

Nota: Quadro de obras contemporâneas representativas.
Fonte: O autor a partir de imagens de domínio público.

Para Ibelings (1998), a década de 90 é o momento de consolidação deste modo de construção contemporâneo, marcado por uma mudança radical de orientação da arquitetura. Trata-se de um período em que "*al igual que las estrellas de la música, estos arquitectos han desarrollado una clara y concienzuda estrategia mediática, a la vez que se preocupan cada vez más por el merchandising*" (IBELINGS, 1998, p. 27). Em síntese o que se verifica no período é a ascensão da figura arquiteto-estrela (ARANTES, 2008), líderes de grandes escritórios internacionais de arquitetura. Nesse sentido, Pedro Arantes (2008) destaca que:

A arquitetura contemporânea experimenta uma arriscada fusão com a publicidade e a indústria do entretenimento. A forma arquitetônica está sendo explorada em seus limites materiais, até a inversão de seus fundamentos construtivos e produtivos, num jogo de volumes e efeitos, aparentemente sem regras e limitações, em busca do grau máximo da renda (p.1).

Analisando a escolha locacional intraurbana desses projetos, há uma preferência por áreas centrais ou bem localizadas na malha urbana com alta acessibilidade. Considerando a necessidade de grandes áreas livres para a implantação dos empreendimentos, verifica-se um destaque para áreas de orla, em especial próximo a áreas já consolidadas (ou seja, que contam com toda a infraestrutura e já possuem valorização), além de áreas de renovação urbana (como antigos distritos industriais ou áreas consideradas degradadas que passam por planos locais de intervenção), em geral demarcadas pelo planejamento urbano local para uma ocupação especial. Internacionalmente tem-se esse contexto em diversas obras, como na Vila Olímpica de Barcelona, no Museu Guggenheim de Bilbao, nas obras da Expo'98 de Lisboa, nos casos de áreas de orla e do Grande Arche de La Défense, do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, na Reconstrução de Chiado, Museu Hebraico de Berlim e Torre Glòries, como exemplares de intervenções em área de renovação urbana.

Por um viés urbanístico, muitas dessas obras destacam-se por suas mudanças locais, como o Grande Arche de La Défense, construído em um bairro periférico de Paris em 1989, marcando o início deste período. Porém, com relação a projetos associados a planos urbanísticos, destaca-se a Reconstrução de Chiado e a Vila Olímpica de Barcelona, casos contemporâneos entre si entre os anos de 1991 e 1992. Embora próximos temporalmente, o modo de operação de ambos é bastante distinto, sendo o primeiro marcado por uma reconstrução contemporânea, mas que considera as características locais de memória e

paisagem (ALONSO, 2005) e o segundo uma intervenção urbana emblemática, caracterizando-se por um plano que abrange a obra de diversos arquitetos com manifestação da arquitetura contemporânea. Além disso, a casos da Vila Olímpica se destaca teoricamente não só por uma grande operação urbana relacionada a um grande evento, mas também pela forma como a cidade passa a valorizar a questão espacial, sendo considerada um cenário único de transformação do público, que *"dio lugar a la expresión de 'modelo de Barcelona'. Desde entonces, sin embargo, Barcelona se ha enfrentado a importantes cambios en los valores políticos que han dado lugar al nuevo espacio metropolitano."* (HARVEY; SMITH, 2005).

Mais do que a emergência de novas políticas públicas, o caso de Barcelona configura a emergência de novas dinâmicas associadas ao espaço, considerando respostas sociais às práticas urbanas e a renovação do pensamento crítico associada às transformações urbanas. Essas mudanças potencializam o estudo de diversos elementos da denominada *"revolución urbana"* (BORJA, 2007, p. 12) como a relação entre a nova valorização da cidade e as dinâmicas de fragmentação e de segregação social resultantes. Assim, mais do que propriamente um modelo a ser seguido, Barcelona pode ser entendida como um metamodelo, ou seja, um modelo construído e posteriormente analisado teoricamente tanto em seus elementos positivos quanto negativos, de modo que teoricamente se impõe a seguinte questão: seria Barcelona efetivamente um modelo? (BORJA, 2007).

O contexto de renovação urbana é bastante característico da cidade de Barcelona no período de recorte, em especial por este viés dos planos urbanos setoriais, visto que, cerca de uma década passada da implantação da Vila Olímpica, e paralelamente a Expo'98 de Lisboa é planejado o distrito 22@, que se configura como um plano elaborado a partir dos critérios da inovação tecnológica e a alterações morfológicas em uma região de antiga atividade industrial. Em comparação ao Parque Olímpico, trata-se de duas áreas próximas ao centro tradicional, que possuíam vazios urbanos e estavam em processo de desvalorização. A diferença é que enquanto o Parque Olímpico foi responsável pela reconfiguração de parte da paisagem de orla da cidade, o distrito 22@ reurbanizou uma área relacionada diretamente com o apogeu industrial moderno da cidade, relacionando-se assim com uma reconstituição da paisagem urbana.

Aqui, além das inerentes questões relacionadas à especulação imobiliária e à gentrificação e mesmo com um plano também criticado pela forma como é implantado em uma antiga área de patrimônio industrial, entende-se que houve uma preocupação com a conexão com o tecido urbano e alguns ganhos com relação a políticas públicas de manutenção de algumas características locais, conforme apresentado no aprofundamento do caso. Também há de se considerar que, além dos planos urbanísticos, outra obra que se destaca na cidade é o MACBA (Museu de Arte Contemporânea de Barcelona), obra de Richard Meier e que representa, assim como a Torre de Glòries uma década depois, um dos símbolos da arquitetura contemporânea. mesmo sendo compreendida inicialmente como uma edificação isolada, a proposta de localização do edifício busca uma renovação do bairro Raval proposta pelo governo municipal,

o qual estruturou uma série de espaços abertos e culturais para o bairro, ocupado predominantemente por imigrantes, sendo associado tanto à renovação quanto à gentrificação.

2. TRANSFORMAÇÕES URBANAS CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO E A DEFINIÇÃO DO CASO NACIONAL

No cenário brasileiro, segundo Pereira (2018), durante a segunda metade do século XX, “o país recebeu uma série de arquitetos vindos de diversas partes do mundo, mas sobretudo da Europa e que deixaram um legado de projetos brutalistas seguindo alguns dos cânones de mestres como Le Corbusier” (n.p.). A partir de então, a arquitetura produzida no período segue o modernismo, mas com alguma apropriação nacional, não havendo referências significativas de edificações assinadas por arquitetos internacionais. Este cenário se mantém até o início do século XXI, momento em que se verificam as primeiras manifestações destas transformações urbanas contemporâneas no Brasil. De acordo com Pereira (2018), os dez projetos de arquitetos internacionais no Brasil mais relevantes são, cronologicamente:

- Fundação Iberê Camargo / Álvaro Siza - Porto Alegre, 2003;
- Arena do Morro / Herzog & de Meuron - Natal, 2014;
- VITRA / Studio Daniel Libeskind + Pablo Slemenson Arquitetura - São Paulo, 2015;
- *Aqwa Corporate* / Foster + Partners - Rio de Janeiro, 2015;
- Museu do Amanhã - Santiago Calatrava - Rio de Janeiro, 2016;
- *Japan House* / Kengo Kuma + FGMF - São Paulo, 2017;
- Universidade Anhembi Morumbi (Campus São José dos Campos e Campus Piracicaba) / KAAN *Architecten* + URBsp Arquitetura, respectivamente São José dos Campos, 2017 e Piracicaba (2018);
- Casa Boipeba / daarchitectes - Cairu, 2018;
- Museu da Imagem e do Som Copacabana - Diller Scofidio + Renfro - Rio de Janeiro, (previsto para 2019 - obra paralisada).

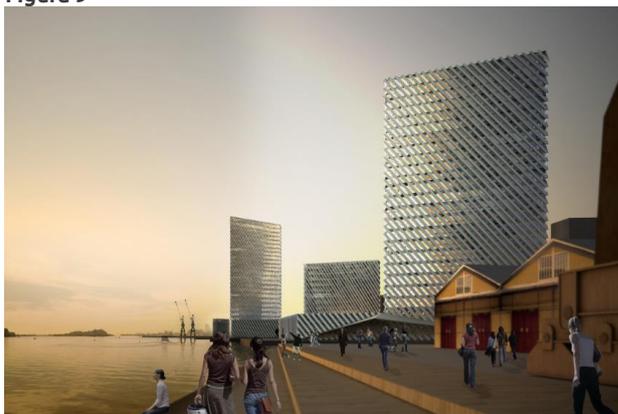
A lista manifesta a temporalidade aqui destacada para o surgimento de projetos assinados por arquitetos estrangeiros no país, sendo seu marco nacional a Fundação Iberê Camargo, em 2003 na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Verifica-se que o destaque da lista vai para as obras iconográficas, e em especial refere-se aos projetos já construídos, com exceção do MIS, que é mencionada. Dado o entendimento que se trata de um processo ainda vigente, propõe-se aqui uma complementação da lista com algumas edificações em fase de aprovação ou de construção, que contribuem para explicitar alguns elementos de análise do

fenômeno, chegando-se à seguinte lista de projetos de arquitetura contemporânea com escritórios internacionais no país:

- Fundação Iberê Camargo / Álvaro Siza - Porto Alegre, 2003
- Cidades das Artes / Christian de Portzamparc - Rio de Janeiro, 2013
- Arena do Morro / Herzog & de Meuron - Natal, 2014
- VITRA / Studio Daniel Libeskind + Pablo Slemenson Arquitetura - São Paulo, 2015;
- *Aqwa Corporate* / Foster + Partners - Rio de Janeiro, 2015;
- Museu do Amanhã - Santiago Calatrava - Rio de Janeiro, 2016;
- *Japan House* / Kengo Kuma + FGMF - São Paulo, 2017
- Universidade Anhembi Morumbi (Campus São José dos Campos e Campus Piracicaba) / KAAN *Architecten* + URBsp Arquitetura, respectivamente São José dos Campos, 2017 e Piracicaba (2018)
- Casa Boipeba / daarchitectes - Cairu, 2018;
- Museu da Imagem e do Som Copacabana / Diller Scofidio + Renfro – Rio de Janeiro, (previsto para 2019 - obra paralisada);
- Residencial Casa Atlântica / Zaha Hadid - Rio de Janeiro (previsto para 2020 - obra cancelada);
- Cais Mauá / Jaime Lerner + B720 - Porto Alegre (previsto para 2022 - obra paralisada).

Há de destacar a questão locacional intraurbana em que a maior parte das obras, com exceção das universidades e residências particulares, situam-se em locais definidos como lócus desta pesquisa: espaços tradicionais da cidade, sendo muitos destes em áreas centrais de orla, como nos casos do Fundação Iberê Camargo e do Cais Mauá (ambos em Porto Alegre), e da Cidades das Artes e do Museu do Amanhã (ambos no Rio de Janeiro). Outra característica comum é que a maior parte destas cidades são as capitais estaduais, ou seja, locais de mais fácil acesso aos turistas, que concentram os eixos de transporte aéreo e centros de informação.

Figura 9



Nota: Cais Mauá (Porto Alegre).

Fonte: www.archdaily.com.br. Acessado em: 12 de nov. 2018.

Já no caso do Cais Mauá em Porto Alegre, a utilização da antiga área portuária já está em discussão há décadas, em especial devido a sua localização em uma das áreas mais antigas da cidade. Teve seu ápice de utilização em meados do século XX, período de grande industrialização nacional com reflexos na cidade em questão. Após este período passou a ser subutilizado do ponto de vista naval, de modo que uma parte manteve seu uso original e a com área mais central passou a receber eventos culturais. Muitos estudos urbanos já foram realizados para o local, mas nenhum deles esteve tão perto de se concretizar como o que está posto em discussão neste momento na cidade. Em 2008, o estado do Rio Grande do Sul realizou uma licitação para que consórcios realizem um projeto para o local, que seria concretizado a partir de uma parceria público-privada com concessão de uso de 20 anos. O processo foi debatido por parte da população que questionava algumas alterações do regime urbanístico e de uso do solo, além do próprio processo licitatório e de realização do projeto, considerando que este não teve a participação popular necessária. Trata-se de um local situado em área central da cidade, com grande importância histórica, cultural e urbana dos processos de transformação da cidade, sendo essa uma das paisagens mais tradicionais da cidade. A intervenção proposta atualmente também tramita com o modo de operação contemporâneo: a partir de um abandono da área nas últimas décadas, a alternativa proposta é de uma deliberação estatal para uma parceria público-privada, apresentando como contrapartida pública a cessão da área para a iniciativa privada por período determinado.

Percebe-se que, no caso de Porto Alegre, além do projeto em questão e da Fundação Iberê Camargo, outros espaços de orla estão ou já passaram por discussão e projetos com uma imagem contemporânea (embora sem a perspectiva da marca internacional), sendo todos os estudos desarticulados entre si, sem uma visão integrada de paisagem. Assim, o local está sendo tratado como uma área de abrangência pontual, abstraindo a centralidade e o valor histórico da orla, da Usina do Gasômetro, do Cais do Porto e os demais projetos de orla em andamento ou previstos, segmentando cada vez mais a orla da cidade em vários projetos díspares ao invés de pensá-la em conjunto.

ESTUDO DE CASO COMPARADO: BARCELONA E PORTO ALEGRE

A proposta do estudo de caso busca analisar comparativamente as dinâmicas de transformações urbanas, tanto pelo viés da arquitetura quanto do urbanismo, identificando as analogias comparáveis tanto entre os casos de estudo quanto sua relação com o fenômeno maior. Dessa forma, a questão da contextualização é de suma importância, dada a diferença cultural e de escala entre as cidades analisadas, motivo pelo qual o primeiro elemento de análise busca identificar questões legais e relativas ao contexto das paisagens em ambos os casos. Cabe aqui apresentar os critérios pelos quais foram selecionadas as cidades de Porto Alegre e Barcelona para o estudo realizado. O que se pretende é realizar um estudo de caso tendo como recorte as áreas com projeto de requalificação das duas cidades, em especial as com relação histórica com a constituição da metrópole, manifestando parte de suas características culturais que contribuem para o significado da experiência urbana. Além disso, com relação a participação popular trata-se de dois exemplares destacados no cenário internacional, sendo a capital brasileira reconhecida por sua experiência do Orçamento Participativo, um dos símbolos da democracia no país. Já a capital da Catalunha é, até o presente momento, local de destaque com relação a valorização da cultura local diante da relação nacional que se apresenta até então.

O destaque internacional à Barcelona não é à toa. Trata-se de uma cidade que, desde o Plano Cerdá (1860) desenvolve-se com um viés de planejamento urbano reconhecido. Contemporaneamente, houve um grande processo de alterações morfológicas, especialmente nos últimos 25 anos, onde passaram a compor o cenário da cidade o distrito 22@ e as obras relacionadas às olimpíadas de 1992. Ambos os casos se situam em locais tradicionais, não precisamente no centro histórico, mas em áreas adjacentes e já consolidadas historicamente. A diferença é que o distrito 22@ configura-se como um plano elaborado a partir dos critérios da inovação tecnológica e a alterações morfológicas em uma região de antiga atividade industrial, enquanto o parque olímpico foi responsável pela reconfiguração de parte da paisagem da orla da cidade tendo em vista o recebimento de um grande evento.

Montaner refere-se a Barcelona como um dos casos emblemáticos de apagamento da memória, sendo o local um caso evidente “da sistemática destruição dos tecidos sociais com memória e consciência de classe” (2015, p. 166). A questão emerge para o autor a partir do distrito 22@, que evidencia de um lento, gradual e sistemático apagamento programado e sistemático da memória industrial e operária, fazendo com que, através da segregação social, ocorra a substituição dos antigos residentes de classes operárias por novas classes médias e altas. A proposta inicial era a destruição de diversos armazéns industriais, mas após manifestações sociais parte das edificações foram mantidas, realizando-se um projeto alternativo que considerava a preservação de parte das edificações de modo integrado com os novos prédios, buscando uma melhor relação morfológica para os novos usos propostos. Com isso, o resultado foi um palimpsesto urbano, tendo como base ou pano de fundo o

conjunto de fábricas, a preservação da tipologia de quadras fechadas e uma nova estrutura moderna e bastante flexível com incrementos tecnológicos. Trata-se de uma intervenção que busca a compatibilização de estilos modernos e contemporâneos que, em determinados setores resultou em uma espacialidade interessante e em outros as alterações deixaram marcas mais profundas, descaracterizando a constituição do tecido urbano. Porém, considera-se que houve um avanço com relação ao projeto da Vila Olímpica, onde todo o patrimônio industrial foi demolido para a construção do complexo em uma área já vazia de significado, dentre as quais algumas edificações de referência embrionária para o modernismo na Catalunha, como os Almacenes Generales de Depósito (1874) projetados por Elies Rogent (MONTANER, 2015).

Figura 10



Nota: Conjunto industrial da década de 1990 (esquerda) e novo conjunto em 2014 (esquerda).

Fonte: www.22barcelona.com e www.businessleaders.com.br respectivamente. Acessado em: 12 de nov. 2018.

Considerando-se que se trata mais do que uma transformação urbana contemporânea decorrente de uma edificação, mas sim de um plano de renovação, o distrito 22@ é um projeto que apresenta todas as condições necessárias para destacar-se neste estudo. Nele, verifica-se além da questão de grandes transformações de experiências, muito por uma alteração de uso e de tipologias, a incidência de projetos emblemáticos que marcam a imagem da cidade, como é o caso da Torre Glòries.

Figura 11



Nota: Área de abrangência do distrito 22@.

Fonte: www.22barcelona.com. Acessado em: 12 de nov. 2018.

Embora o plano contemple a preservação de parte da cidade já constituída, há uma descontinuidade no tecido urbano, tendo em vista um controle mais relacionado ao uso e à função do que propriamente com o regime urbanístico tradicional. Embora não seja em área de orla, o setor definido é bastante próximo do mar que banha a cidade, sendo muito próximo ao Parque Olímpico (na figura acima, visível no canto inferior esquerdo).

Analisando essa problemática de Porto Alegre¹, capital do Rio Grande do Sul, trata-se de definir a paisagem urbana da cidade como um processo em que o metabolismo dos seus elementos naturais e sócio-históricos devem ser respeitados e valorizados. O rio, responsável pela fundação da cidade, relaciona-se com essa através da orla e do Cais do Porto, elementos que, através de suas distintas formas de apropriação, materializam os processos históricos da cidade, estando, portanto, sempre presentes no imaginário e no cotidiano da população. O caso de Porto Alegre é marcado por recentes propostas de alteração nas paisagens de orla. A primeira delas remete ao ano de 2009 e trata-se um projeto para a antiga área da empresa Estaleiro Só, conhecida como Pontal do Estaleiro. Trata-se de uma área as margens do Guaíba, próxima a região central da cidade, que pertencia ao estado a partir de 1995, quando a antiga empresa declara falência. A área foi leiloada e no ano supracitado é proposto um conjunto de prédios residenciais e comerciais na área. Na época houve uma mobilização

¹ A apresentação do caso das alterações de paisagem na orla de Porto Alegre aqui exposto é fruto de discussões realizadas no Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT/UFRGS), que tem como resultado a produção do artigo "Imagens Escondidas: uma experiência sobreposta no tempo", publicado como MARZULO, *et al*, 2016 no 6º Simpósio Imagem Identidade e Território, realizado em Buenos Aires.

popular que motivou uma consulta popular sobre a possibilidade de o empreendimento integrar o uso residencial ou não, sendo a opção de proibição a mais votada.

O caso do Pontal do Estaleiro destaca-se também pela proximidade com o Museu Iberê Camargo, sendo inclusive utilizado como destaque publicitário à época de apresentação do empreendimento, explicitando uma valorização da região em decorrência do novo equipamento. Embora não tenha seu projeto arquitetônico marcado por um nome notável, trata-se de um empreendimento aos moldes do VITRA (em São Paulo) ou do Aqwa (em Rio de Janeiro), com torres de vidro, alto padrão e elementos de luxo em uma forma marcante da arquitetura contemporânea globalizada. Tipologia esta que também é projetada no Cais do Porto, área sumariamente apresentada e que traz diversos dos elementos aqui analisados. O que se salienta aqui é a para o consórcio internacional com o escritório b720, autor de diversas obras em distintos países, mas com atuação especialmente em Barcelona, tendo inclusive obras no distrito 22@.

Dentre os projetos urbanos realizados para a cidade de Porto Alegre, o mais recente corresponde a um trecho de orla de aproximadamente 6 quilômetros, em área adjacente ao Centro Cultural Usina do Gasômetro (antiga usina de geração de energia, transformada em centro cultural) e próxima ao Cais do Porto. Desde antes da intervenção, inaugurado no final de 2018, já era o local de orla que mais recebia frequentadores na cidade, que tem o pôr-do-sol como um dos atrativos de paisagem natural. O projeto foi contratado em 2012, sendo as obras iniciadas em 2015, de autoria de Jaime Lerner, engenheiro que também está assina o projeto do Cais do Porto junto com o escritório internacional b720. Assim como o Pontal do Estaleiro, o projeto também teve algum questionamento, embora menos articulado, com críticas especialmente voltadas à forma de contratação direta do escritório e pela pouca preocupação em realizar atividades que buscassem a participação social. Embora aqui referido como um projeto de requalificação, a designação mais utilizada tanto pela empresa autora do projeto quanto pelos órgãos públicos e pela mídia é a de revitalização da orla.

Um projeto urbano mais associado ao do distrito 22@ é a o Masterplan do 4º Distrito, na cidade de Porto Alegre. Este plano setorial utiliza-se explicitamente de boa parte dos preceitos de sua referência internacional, com referências diretas em seu site. Ponderadas as diferenças de escalas, configura-se como uma problemática análoga: uma antiga zona industrial da cidade que, após a decadência desta função, passou a ficar subutilizada e a ser considerada marginal à cidade formal. Aos moldes do distrito 22@ a proposta também busca estratégias como: a) Desenvolver clusters de inovação tecnológica; b) Investimentos econômicos na região através de parcerias público-privadas; c) Atrair a indústria imobiliária através de incentivos urbanísticos; d) Infraestruturas associadas a inovação tecnológica; e) Incentivar novos usos para as edificações históricas; (TURKIENICZ, 2017). Embora seja explicitada a referência direta entre os dois projetos, este processo também ocorreu em outros momentos da cidade, como quando da formulação do Plano Diretor de Desenvolvimento urbano e Ambiental (PDDUA) de 1999, momento em que a prefeitura

municipal de Porto Alegre contou com uma consultoria técnica Argentina que tinha como modelo o caso de Barcelona. Um dos elementos designados neste plano foram as Zonas Especiais, as quais eram destinadas a equipamentos públicos urbanos, no caso, incluindo a zona atualmente ocupada pelo Cais Mauá.

A escolha da área do Cais do Porto como principal caso na cidade de Porto Alegre dá-se em função de uma discussão mais ampla na cidade e há a relação direta a um modelo internacional explicitada pelo consórcio entre os escritórios Jaime Lerner e o b720, este último fazendo a conexão explícita entre o modelo Barcelona e o caso de Porto Alegre. Além destes projetos urbanos (constituídos por verdadeiros complexos, embora de escalas distintas), em ambas as cidades há obras de destaque no quadro da arquitetura contemporânea que podem ter sua implicação territorial analisada, como a já referida implantação do MACBA em Barcelona e do Museu da Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre. Em ambas as cidades, a região na qual os equipamentos foram instalados passam por grandes transformações.

Outra questão relevante para a escolha da cidade de Porto Alegre é por tratar-se de uma capital de estado que representa a abordagem a partir de grandes cidades brasileiras, que apresentam especial perda da esfera pública e da incorporação da arquitetura contemporânea, como exposto. Comparada em dimensão com algumas outras capitais estaduais, porém situando-se entre os grandes eixos econômicos (como Rio de Janeiro e São Paulo) e as pequenas capitais. Além da questão da escala, tem-se na cidade um histórico de governos de esquerda e centro-esquerda desde os primeiros governos pós-constituição, que possibilitaram a implantação de medidas como o Orçamento Participativo, através do qual se estabeleceu um controle social dos recursos públicos. Outra possibilidade alavancada a partir de políticas de esquerda foi a realização de edições do Fórum Social Mundial, sendo um dos primeiros fóruns a debater abertamente temas como a crise capitalista e a visão socialista. Em sua maior edição, o Fórum Social Mundial de 2005 culminou com a elaboração da "Carta Mundial do Direito à Cidade", trazendo uma discussão de temas com a mesma perspectiva aqui adotada.

3. CONCLUSÃO

A questão política faz-se relevante à medida que um elemento que se destaca nos dois casos é o questionamento dos projetos por parte da população. Estes aspectos são fundamentais a medida em que, por tratar-se de um debate público, há dados produzidos tanto de defesa das propostas quanto de críticas, potencializando o estudo dos casos empíricos, seja pela categoria analítica da paisagem quanto da experiência. Considerando as constantes alterações urbanas e sendo este um espaço de referência, os conflitos identificados nas áreas podem ser entendidos dialogicamente, como pelo caráter público x privado e pelas constantes alterações de utilização dos locais, de grande visibilidade nas suas cidades. Pela perspectiva das transformações urbanas contemporâneas, algumas questões já se colocam sumariamente como pares acionados de análise como verticalização e horizontalidade,

privatização e acesso público, antiguidade e modernidade. Dada a discussão até aqui apresentada, considerando as implicações de mudanças de paisagem e de experiência associadas aos usos propostos e mudanças tipo-morfológicas, destacam-se dois temas conflitivos nos dois casos: as alterações funcionais e morfológicas, em ambas, as implicações sociais de cenários estabelecidos.

A primeira questão são as alterações de uso decorrentes das constantes transformações já ocorridas nas áreas, a partir da situação de abandono, a perspectiva de cenários futuros para realizar análise da situação atual. O problema aqui posto é como manter a memória coletiva e, assim, a questão da experiência anterior, de um projeto com imperativa alteração de uso, pois por mais que a transformação proposta seja a mais branda possível, ou seja, com pouco impacto na forma do conjunto edificado, a alteração de uso já provoca alterações na paisagem e sua relação com a memória de um espaço símbolo da cidade – uma paisagem integrada com a história das cidades. Tal perda de memória, como já abordado constitui em implicações na experiência individual e coletiva, interferindo nos processos de apropriação.

Retoma-se uma questão dos processos de constituição de imagens de paisagens considerando que o espaço deixa de considerar suas características históricas e passa a ser condicionado a partir de fatores político e culturais externos – as imagens de locais de referência. Mas quem dita quais são os locais de referência? Quem é o vencedor desta disputa responsável por transmitir uma imagem de cidade para as questões apresentadas? Fala-se, então, da imagem da cidade a partir da constituição de sua paisagem enquanto elemento morfológico (marca) e cultural (matriz). No contexto da globalização, o principal responsável pela transmissão de informações é o mercado econômico (em especial através da mídia), sendo este o agente de dominação – o responsável por transmitir as imagens comerciais. Estes interferem não só em uma grande produção de imagens externas como, no âmbito local, são os principais interessados em vazios urbanos em áreas centrais.

Em um cenário favorecido pela centralidade das áreas, sua relação histórica com uma região cultural da cidade (que neste momento passa a ser turística, ou seja, mercantilizada), são propostos grandes complexos arquitetônicos e urbanísticos, muitas vezes associado ao turismo. Mas qual o público desses espaços? Quem é o turista? É um público externo, que não possui suas raízes na cidade. Considerando a estreita relação entre função, significado com a apropriação, em propostas globalizadas em áreas tradicionais da cidade não se realiza somente uma diferenciação funcional, mas especialmente uma diferenciação direcionada a determinados atores de modo hierárquico. A reflexão que se coloca ao final é: quem são esses usuários? Que paisagem é essa? Essa síntese vai ao encontro da afirmação de Montaner (2015) de uma utilização voltada ao turismo, com a perda de memória e identidade local em troca de uma paisagem globalizada. O público tende a ser elitizado, sendo os próprios turistas ou os comércios e serviços que atendem eles. Mesmo os marcos urbanos, elementos que podem ser o símbolo de uma cidade, repetem-se, como no caso das rodas gigantes, localizadas em ao menos três cidades. É a partir da manifestação desta problemática que se

entende que a preservação da paisagem urbana é um ativo fundamental para a atração de sujeitos e afirmação da imagem no âmbito da circulação de ideias. Na capital gaúcha, as práticas contemporâneas dos sujeitos irem até a orla do Guaíba contemplar a paisagem como um fenômeno cultural e socialmente construído ao longo do tempo. Imagens transformadas ao longo do tempo desde fotografias em uma paisagem-palimpsesto performaticamente instaurada para a fugacidade cuja perenidade restringe ao registro do ato.

REFERÊNCIAS

- CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. 1ª Edição. Editora Perspectiva, 2020 [1923].
- ALONSO, Gabriella. **A Reconstrução do Bairro do Chiado – Lisboa, Portugal**. 18 de maio de 2005. Disponível em: <http://arquittetando.com.br/reconstrucao-bairro-chiado-lisboa-portugal/>. Acessado em 10 de abril de 2019
- ARANTES, Pedro Fiori. O grau zero da arquitetura na era financeira. **Novos estudos**. São Paulo: CEBRAP, n. 80, p. 175-195, 2008.
- ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- AUGÈ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BORJA, Jordi. **Revolución y contrarrevolución en la ciudad global**. Revista Foro, n. 61, p. 5-16, 2007.
- CANAL, José Luiz de Mello. **Orígenes de la arquitectura industrial moderna**. Barcelona, tese de doutorado, Universidad Politécnica de Catalunya, 1992, p.107.
- CASTELLO, Lineu. **Da sustentabilidade da subjetividade: o projeto IBA Emscher Park**. In. *Arquitextos*. Ano 04, nov. 2003 ISSN 1809-6298. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/636>. Acessado em 02 de abril de 2018.
- CARTA DE VENEZA. **Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos, de maio de 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acessado em 12 de março de 2019.
- DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del "modelo Barcelona"**. Madrid: *Los libros de la Catarata*, 2007.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Editora Pini, 1990.

FIX, Mariana. Uma ponte para a especulação-ou a arte da renda na montagem de uma "cidade global". **Caderno CRH**, v. 22, n. 55, Salvador: EDUFBA, 2009.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: HAESBAERT, R. & ARAUJO, F. **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007, pp. 33-56.

HARVEY, David; SMITH, Neil. **Capital financiero, propiedad inmobiliaria y cultura**. MACBA / UBA - Universidad Autónoma de Barcelona, 2005.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**. [recurso eletrônico]: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato; 1ª Ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

IBELINGS, Hans. **Supermodernismo: arquitectura en la era de la globalización**. Gustavo Gili, 1998.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1961]

JACQUES, Paola Berenstei. Cronologia do Pensamento Urbanístico. **Laboratório de Estudos Urbanos** - PROURB/FAU-UFRJ. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/tabela_comparativo.php. Acessado em 10 de mar de 2019.

MARZULO, Eber Pires. **Sobre democracia e espaço público**; Segundo Caderno: jornal Zero Hora; em 29/06/2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/06/ao-defenderem-o-que-e-publico-os-manifestantes-estao-no-exercicio-pleno-de-seus-direitos-4185355.html>>. Acesso em 12 out. 2016.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. **Manifesto Antropofágico**, 1998. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/modernismo/manifesto-antropofagico>. Acessado em 31 março 2019.

MONTANER, Josep Maria e ZAIDA, Muxi. **Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos**. Ed. Gustavo Gili; 2015.

PEREIRA, Matheus. 10 Projetos de arquitetos internacionais em solo brasileiro. **ArchDaily Brasil**. 2018. Acesso em 28 abr. 2019. Disponível em: <

<https://www.archdaily.com.br/br/905007/10-projetos-de-arquitetos-internacionais-em-solo-brasileiro>>.

PORPHYRIOS, Demetri. A pertinência da arquitetura clássica. In.: NESBITT, Kate. **UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA**. 2ª Edição. Editora Cosac Naify, 2006 [1966].

RAJCHMAN, John. O pensamento na arte contemporânea. In.: **Novos estudos**. São Paulo: CEBRAP, nº 91. Trad. de Alberto Rocha Barros. Nov. 2011. ISSN 0101-3300.

TURKIENICZ, Benamy. **Masterplan – 4º Distrito**: Revitalização Urbana e Reconvenção Econômica. Relatório. Núcleo de Transformações Urbanas – NTU/UFRGS. 2017. Disponível em: <http://www.4distrito.portoalegre.rs.gov.br/projeto/masterplan>. Acessado em 28 abr. 2019.

VADA, Pedro. Aqwa Corporate / Foster + Partners. **ArchDaily Brasil**. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/897569/aqwa-corporate-foster-plus-partners>. Acessado em 28 abr. 2019.

VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura: trechos selecionados de um livro em preparação. In.: NESBITT, Kate. **UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA**. 2ª Edição. Editora Cosac Naify, 2006 [1966].